

PATRIMÔNIO DE ARAPIRACA:

Expressões da arquitetura popular em cidade de Alagoas

Alice de Almeida Barros

Universidade Federal de Alagoas | alice.barros@arapiraca.ufal.br

Adryan Matheus Lisboa Silva

Universidade Federal de Alagoas | Adryan.matheusls@outlook.com

Horlando Farias Júnior

Universidade Federal de Alagoas | horlanndojr@gmail.com

Maria Gabryelle Queiroz Gama

Universidade Federal de Alagoas | mgqgama@gmail.com

Ygor Thiago Tavares Santos

Universidade Federal de Alagoas | ygorts22@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: (3) História, Memória e Patrimônio

Resumo: Este trabalho, em formato de artigo, tem como objeto de estudo o patrimônio arquitetônico de Arapiraca e a história da arquitetura popular desse conjunto de bens materiais imóveis, buscando compreender as matrizes, os processos de apropriações e especificidades regionais das edificações vernaculares arapiraquenses. O estudo visa preencher uma lacuna na historiografia local ao resgatar as origens e a evolução da arquitetura construída de modo espontâneo no município do agreste alagoano, evidenciando como a cultura, o clima e os recursos disponíveis moldaram a paisagem construída da cidade. A metodologia adotada combina pesquisa teórica em arquivos históricos e documentos oficiais, percursos em campo para a identificação das edificações remanescentes e a produção de um memorial arquitetônico a partir da elaboração de desenhos para o registro das especificidades dos exemplares vernaculares arapiraquenses. Essa abordagem qualitativa permitiu a documentação dos bens e seus elementos construtivos e decorativos. Os resultados apontam que a arquitetura popular de Arapiraca se fundamentou em matrizes luso-africanas, as quais foram adaptadas ao ambiente regional por meio de um processo de apropriação de técnicas e materiais. O estudo conclui que a arquitetura popular de Arapiraca representa uma parte essencial do seu patrimônio cultural, seu reconhecimento e preservação são fundamentais para manter viva a história da cidade para presentes e futuras gerações. A ausência de legislação específica voltadas para a proteção e tombamento do patrimônio arquitetônico e a rápida urbanização, com a descaracterização e demolição de bens materiais imóveis, como o clube dos fumicultores de Arapiraca, colocam esse legado em risco, tornando urgente a adoção de medidas de salvaguarda por parte do poder público municipal associado à sociedade civil.

Palavras-chave: patrimônio arquitetônico; arquitetura popular; historiografia local; Arapiraca

ARAPIRACA'S HERITAGE: EXPRESSIONS OF POPULAR ARCHITECTURE IN A CITY OF ALAGOAS

Abstract: This article investigates the architectural heritage of Arapiraca and the history of popular architecture within this set of immovable tangible assets, seeking to understand the formative matrices, processes of appropriation, and regional specificities of vernacular buildings. The study aims recover the origins and evolution of spontaneously built architecture in the municipality of the Alagoan agreste, highlighting how culture, climate, and available resources shaped the city's built landscape. The adopted methodology combines theoretical research in historical archives and official documents with field surveys for the identification of remaining buildings, as well as the production of an architectural record based on the preparation of drawings to document the specific characteristics of Arapiraquense vernacular exemplars. This qualitative approach enabled the systematic documentation of the assets and their constructive and decorative elements. The results indicate that the popular architecture of Arapiraca is grounded in Luso African matrices, which were adapted to the regional environment through processes of appropriation of techniques and materials. The study concludes that the popular architecture of Arapiraca constitutes an essential component of its cultural heritage, and that its recognition and preservation are fundamental to keeping the city's history alive for present and future generations. The absence of specific legislation aimed at the protection and official listing of architectural heritage, combined with rapid urbanization, resulting in the alteration and demolition of immovable heritage assets, places this legacy at risk and makes the adoption of safeguarding measures by the municipal public authorities, in association with civil society, an urgent necessity.

Keywords: Architectural heritage; Popular architecture; Local historiography; Arapiraca

PATRIMONIO DE ARAPIRACA: LAS EXPRESIONES DE LA ARQUITECTURA POPULAR EN UNA CIUDAD DE ALAGOAS

Resumen: Este Trabajo tiene como objeto de estudio el patrimonio arquitectónico de Arapiraca y la historia de la arquitectura popular de este conjunto de bienes materiales inmuebles, con el objetivo de comprender las matrices, los procesos de apropiación y las especificidades regionales de las edificaciones vernaculares arapiraquenses. El estudio busca rescatar los orígenes y la evolución de la arquitectura construida de manera espontánea en el municipio del agreste alagoano, evidenciando cómo la cultura, el clima y los recursos disponibles moldearon el paisaje construido de la ciudad. La metodología adoptada combina investigación teórica en archivos históricos y documentos oficiales con recorridos de campo para la identificación de las edificaciones remanentes, así como la elaboración de un memorial arquitectónico a partir de la producción de dibujos destinados al registro de las especificidades de los ejemplares vernaculares arapiraquenses. Este enfoque cualitativo permitió la documentación de los bienes y de sus elementos constructivos y decorativos. Los resultados indican que la arquitectura popular de Arapiraca se fundamentó en matrices lusoafricanas, las cuales fueron adaptadas al entorno regional mediante un proceso de apropiación de técnicas y materiales. El estudio concluye que la arquitectura popular de Arapiraca representa una parte esencial de su patrimonio cultural; su reconocimiento y preservación son fundamentales para mantener viva la historia de la ciudad para las generaciones presentes y futuras. La ausencia de legislación específica orientada a la protección y declaración patrimonial del patrimonio arquitectónico, sumada a la rápida urbanización —con la consiguiente pérdida de carácter y demolición de bienes materiales inmuebles, pone este legado en riesgo y hace urgente la adopción de medidas de salvaguardia por parte del poder público municipal en articulación con la sociedad civil.

Palabras clave: Patrimonio arquitectónico; Arquitectura popular; Historiografía local; Arapiraca.

1.INTRODUÇÃO

A história da cidade de Arapiraca se desenvolve junto à construção das edificações presentes em seu território, sendo na área central que a arquitetura vernácula de diferentes usos se concentra. Diante da rápida transformação que o bairro Centro vem vivenciando, a documentação do patrimônio arquitetônico que ainda existe e resiste se mostra urgente, pois parte dos primeiros edifícios construídos na cidade que se relacionam aos acontecimentos históricos foram descaracterizados (Escola Estadual Adriano Jorge, primeira escola pública) ou demolidos (Clube dos Fumicultores, primeiro espaço privado de lazer com bailes e atividades esportivas).

No momento no qual se aproxima da realidade do patrimônio arquitetônico tradicional arapiraquense, alguns conceitos inseridos nesse contexto de estudo se mostram importantes e precisam ser definidos, conceitos abordados pelos autores que aparecem durante a elaboração da pesquisa, Françoise Choay (2006), Marisa Barda (2007), Gunter Weimer (2012), Reis Filho (2014), Diego Dias (2021). Arquitetura tradicional vernacular, patrimônio arquitetônico, preservação patrimonial são palavras-chave que se destacam e se relacionam, cujas definições encontram embasamento em teóricos de épocas diferentes da produção do conhecimento acadêmico.

O objetivo central deste artigo é documentar em memorial arquitetônico exemplares do patrimônio material imóvel vernacular e suas especificidades regionais, tais como formas de produção e uso, localizados no bairro Centro da cidade de Arapiraca, Alagoas. Para alcançar o objetivo é necessária a realização de etapas metodológicas, dentre elas estão: pesquisa teórica, percursos em campo, memorial arquitetônico.

A pesquisa teórica é etapa inicial e fundamental para a compreensão dos conceitos que são base do estudo. O interesse em estudar a arquitetura vernacular arapiraquense surge no momento em que se identifica exemplares deste tipo de arquitetura listados como patrimônio no Plano Diretor do Município (2006) e que estão aos poucos sendo transformados em sua materialidade, perdendo os traços de suas características originais e até mesmo demolidos, em vez de serem parte do conjunto urbano, transmitindo a pluralidade arquitetônica arapiraquense.

Em busca de uma aproximação dos bens materiais imóveis de Arapiraca, a etapa metodológica intitulada: “percursos em campo”, reúne caminhadas, elaboração de croquis, medições e levantamento fotográfico. A etapa foi necessária para a identificação do patrimônio arquitetônico e seleção de parte deles para iniciar a documentação dos primeiros exemplares e, assim, criar um memorial arquitetônico para a consulta sobre os bens na atualidade, além de servir para as próximas gerações terem o entendimento das características da arquitetura tradicional arapiraquense e sua relação com o contexto histórico e formação urbana.

Por fim, o memorial arquitetônico é a etapa que consiste na produção dos desenhos com anotações, destacando materiais construtivos, características estéticas, detalhes adicionados às fachadas. O memorial será fundamental para a documentação definitiva com informações históricas e estilísticas sobre a arquitetura vernácula arapiraquense e desenhos arquitetônicos que registram visualmente as características.

Ao concluir as etapas, a pesquisa resulta no entendimento sobre cada um dos exemplares escolhidos, documentando cada bem material imóvel, seu nome e ano de construção (caso seja identificado), localização, processos de apropriação, caracterização estética, importância histórica e relação com demais edifícios da região.

2. CONCEITOS RELACIONADOS AO PATRIMÔNIO E À ARQUITETURA VERNÁCULA

A arquitetura vernácula está intimamente relacionada com o cotidiano das pessoas em determinada localidade, as necessidades de um grupo impulsionam a construção de edificações que abriguem as atividades de seu modo de vida. Muitos desses edifícios são erguidos com materiais disponíveis na própria região e com uso da mão de obra da sociedade, que irá se utilizar do bem. As construções populares, muitas vezes vistas como de menor importância, quando comparada à arquitetura monumental, precisaram de tempo, estudos e engajamentos de profissionais e instituições para serem consideradas como patrimônio.

4

Nos primeiros anos de atuação do Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional (IPHAN) o interesse principal era proteger edificações imponentes: igrejas e edifícios públicos são os principais exemplos, enquanto “a arquitetura ordinária (casas e demais edificações cotidianas) viu-se deslocada a um segundo plano” (DIAS, 2021, p.2). Em busca do entendimento do que é a construção tradicional de uma localidade, de acordo com Barda (2007, p.61):

Os arquitetos por meio de obras de edificação, ultrapassam a marcação do tempo, enquanto a arquitetura vernacular, mais espontânea, revela e interliga sua historicidade à tradição...é a arquitetura que se exprime com linguagens e expressões que refletem o lugar e o ambiente onde foi formada.

A arquitetura vernácula reflete uma época, uma história e as transformações da sociedade, dos hábitos de vida, da economia e da cidade como um todo, ela também pode ser reconhecida como popular, produzida com o conhecimento do povo (negro, povos originários) sobre os materiais construtivos, as diferentes maneiras de construir adaptadas às necessidades de vida e ao contexto climático de sua localidade. Para Weimer (2012, p.18), a importância da arquitetura popular reside “sobretudo na capacidade de expressar a identidade cultural de grupos sociais que, historicamente, foram mantidos à margem dos processos formais de produção do espaço urbano e rural”. Essas expressões de grupos frequentemente considerados marginalizados na arquitetura devem encontrar espaço na preservação dos edifícios históricos, de modo a manter relação com as novas produções arquitetônicas dos tempos atuais.

Considerando a realidade do século XXI, com a modernização do processo de construir, sistemas e materiais construtivos disponíveis, é compreensível que diferentes perfis de edificações ocupem o espaço das cidades brasileiras, mas é importante destacar que manter edifícios que marcam um período histórico de determinado local é fundamental para manter a conexão dos moradores com as origens do lugar onde vivem. Para preservar esses bens, é importante que sejam reconhecidos como patrimônio de uma cidade e que haja um interesse coletivo em sua proteção para que o bem seja apropriado pela população e seja marca das especificidades regionais da época na qual foi construído.

Ao seguir com os estudos conceituais da pesquisa, destaca-se o conceito de patrimônio, o qual Choay (2006) define de maneira muito integrada com o de monumento. Segundo ela, esse é um tipo de patrimônio, um objeto físico e materializado no espaço. O monumento, para a autora, é patrimônio edificado e possui diferença quando integrado ao termo histórico. Segundo Choay (2006, p.26): "O monumento tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo. O monumento histórico relaciona-se de forma diferente com a memória viva e com a duração".

Relacionando os conceitos de patrimônio e da arquitetura vernacular à realidade arapiraquense, o que se quer destacar na pesquisa são os monumentos históricos que são parte do patrimônio edificado e que possuem potencial para manter a memória de um acontecimento vivo ao longo dos anos. Dentre os bens que ajudam a contar a história social e econômica de Arapiraca, é marcante a arquitetura vernacular da cidade, na qual a cultura fumageira, marca do município por muitos anos, determinou, não apenas no meio rural, a tipologia de construções que atendessem às demandas que a cultura do fumo exigia, segundo Santos, 2020, p. 115:

Enquanto os Salões de destalação eram elementos que ocupavam a paisagem urbana, no campo havia o que se pretende chamar nessa dissertação de "Complexo Fumageiro Rural" composto por formas de moradia que punham, em um mesmo espaço, a casa de morada e o espaço de trabalho.

De acordo com Nardi (2004), esses salões eram edificações semelhantes a um grande galpão, onde havia uma larga porta de acesso e um grande espaço interno, o qual era destinado às atividades mencionadas por Santos (2020). Essas edificações eram, por vezes, construídas em tijolos de barro (figura 01), mantendo-se à mostra, com escalonamento da platibanda da fachada, característica presente no estilo *Art Déco*. Segundo Reis Filho (1987, p. 82), o estilo *Art Déco* no Brasil caracterizou-se pela "simplificação volumétrica e pela estilização de elementos ornamentais", há uma conexão com o ecletismo do passado e o modernismo do presente.

Figura 01: Antigo salão desativado no bairro de Canafístula em Arapiraca, AL.



Fachada de antigo salão de destalação com tijolos aparentes.
Fonte: Santos (2020)

Santos (2020) também relata que Arapiraca perdeu grande parte do número dessas construções, ao se tornarem estabelecimentos comerciais como lojas, farmácias ou mercearias, superando a cultura fumageira ao passo que ascende a comercialização através do varejo e atacado. Ou seja, a própria urbanização e o desenvolvimento de Arapiraca estimularam transformações que acompanhassem essa evolução, como as melhorias no sistema viário da cidade, empreendimentos e estabelecimentos comerciais passaram a se fortalecer. Consequentemente em diversas ocasiões, isso moderniza sua arquitetura já existente, ocupando o espaço da arquitetura popular em vez de coexistir com o patrimônio histórico edificado. Por outro lado, em relação às moradias, Guedes (1999, p. 23) afirma que, ainda no início do século XX, Arapiraca era composta majoritariamente por habitações de taipa, seguindo o padrão de telhados com duas águas e biqueira.

6

Nos primeiros passos da composição do memorial arquitetônico, se faz necessário, antes de apresentar os exemplares da arquitetura vernácula arapiraquense, explanar sobre o breve histórico e o patrimônio material imóvel que ainda resiste na cidade.

3.BREVE HISTÓRICO

A cidade de Arapiraca, emancipada no dia 30 de outubro de 1924, é um dos principais polos comerciais do Estado de Alagoas. Com 234.696 habitantes (IBGE, 2022), o município contou com a ajuda do cultivo do fumo e da feira livre para o desenvolvimento socioeconômico da cidade (Guedes, 1999. p. 286). Já a infraestrutura urbana e edificações se desenvolveram em torno do crescimento da fumicultura e das atividades comerciais. Devido à localização central no estado e por reunir comércio (artigos diversos), serviço (médicos e bancários), universidades (estadual e federal) e espaços de lazer (parque urbano e cinema), atrai moradores das cidades vizinhas, tais como: Coité do Nóia, Campo Grande, Craíbas, Feira Grande, Girau do Ponciano, Limoeiro de Anadia, Lagoa da Canoa, São Sebastião e Taquarana.

A cidade de Arapiraca caracteriza-se por uma estrutura agrária marcada pela predominância de “pequenas propriedades de tipo familiar” (Lira, 2007, p. 110), em contraste com o latifúndio canavieiro presente na Zona da Mata do estado. Localizada no Agreste, área de transição entre o Litoral e o Sertão alagoano, desenvolveu-se ao longo dos anos com a maior autonomia dos pequenos produtores e diversificação das produções agrícolas, tendo o fumo como cultura de destaque nas primeiras décadas após emancipação. Essa condição, aliada à posição geográfica estratégica no centro do estado, favoreceu sua consolidação como polo regional de serviços, comércio e abastecimento, exercendo influência direta sobre os municípios vizinhos.

O início de sua história foi marcado pela chegada de Manoel André Correia dos Santos, em 1848, considerado responsável pelo povoamento da região ao tomar posse das terras que lhe foram concedidas por seu sogro (Santos, 2020). Segundo a narrativa popular tradicional, Manoel André teria construído sua primeira cabana às sombras da árvore Arapiraca (*Piptadenia piteolobim*), dando o nome à cidade (GUEDES, 1999). Com o passar do tempo, outras famílias também foram se estabelecendo na localidade, contribuindo para o crescimento do povoado. Nesse contexto, destaca-se a figura de Esperidião Rodrigues da Silva, conhecido como “O Emancipador” de Arapiraca. Ele foi responsável pela tramitação do processo de autonomia do município e pela criação da feira livre, que se consolidou como o principal polo de desenvolvimento econômico e social da cidade (Guedes, 1999). Somado a isso, é importante destacar a participação de outros grupos fundamentais para a formação do território arapiraquense, frequentemente ausentes nos primeiros livros e pesquisas sobre Arapiraca, como os quilombolas que formaram a comunidade rural de Pau d’Arco, localizada dentro do município, como descreve Araújo (2018).

Araújo (2018) menciona a comunidade quilombola de Pau D’Arco, referenciando as primeiras construções existentes: um tipo de moradia denominada Marias de Barro, que, já não existindo fisicamente, eram edificadas por grupos de negros que habitaram a região e construíram os abrigos. Contudo, suas localizações podem ser inferidas a partir da presença de árvores frutíferas – como mangueiras, cajueiros e jaqueiras – nas áreas próximas às residências atuais. A primeira área ocupada por moradias e roçados de mandioca na porção central de Arapiraca atraiu moradores da comunidade quilombola em busca de trabalho e melhores condições de vida. Posteriormente, foi a plantação de fumo que concentrou mão de obra negra no município, muitas vezes explorada pela elite local que herdou ou adquiriu lotes de terra destinados ao cultivo. Segundo Araújo (2018, p.112), o contexto criado pelo fumo atraiu também diversas famílias de negros para a região de Arapiraca, pois os currais de fumo possibilitavam tanto trabalho quanto acesso à moradia.

Ainda de acordo com Araújo (2018), as origens de Arapiraca, enquanto cidade, e de Pau D’Arco, enquanto comunidade quilombola, estão vinculadas a atual cidade de Penedo, que foi um dos principais polos de colonização. Aqui, observa-se, portanto, que o modo

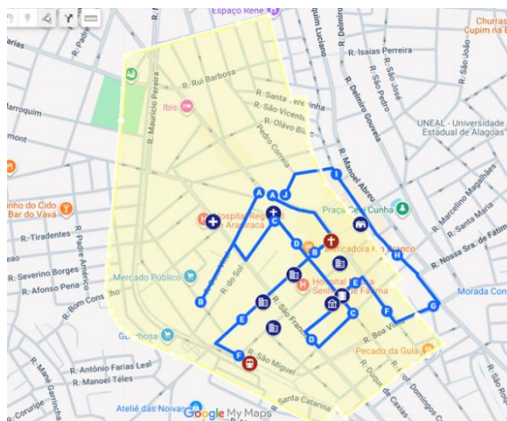
de viver das comunidades, marcado por sua ancestralidade, cultura e práticas cotidianas, foi determinante na conformação do espaço físico. A arquitetura, guiada pela experiência dos usuários, respondia às necessidades concretas do cotidiano: o hábito de conversar à porta de casa resultava na criação de recuos, no plantio de árvores ou na construção de varandas.

4. PERCURSOS EM CAMPO: UM OLHAR PARA AS EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS NO CENTRO DA CIDADE

De acordo com a Lei nº 2.424/2006 (Plano Diretor Participativo de Arapiraca) são reconhecidos bens de variados usos como patrimônio cultural da cidade, dentre alguns deles estão: Escola Adriano Jorge, Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima, Concatedral Nossa Senhora do Bom conselho e o complexo ferroviário. Destes citados, todos estão localizados no bairro Centro, assim como outros exemplares citados no Plano diretor, razão da escolha da área para a realização da etapa metodológica Percursos em campo.

O levantamento das edificações históricas localizadas no centro foi realizado a partir de trajetos realizados a pé, com o objetivo de identificar e registrar, por meio de anotações e fotografias, exemplares remanescentes da arquitetura atrelada aos processos de formação urbana do município. Tendo como ponto de partida a Concatedral Nossa Senhora do Bom Conselho, relevante marco visual e histórico, o percurso contemplou vias de relevância histórica e simbólica no bairro central, especialmente aquelas associadas às dinâmicas socioeconômicas que marcaram o desenvolvimento local, como a religiosidade e a cultura fumageira, conforme ilustrado na figura 02.

Figura 02: Mapeamento de edificação em visita de campo.



Polígono do bairro Centro de Arapiraca, com demarcações de edificações identificadas e rotas percorridas.
Fonte: Autores.

Após percursos e identificação das edificações presentes na área das caminhadas, partiu-se para a seleção dos primeiros exemplares a compor o memorial arquitetônico. Os primeiros critérios para a escolha dos edifícios abrangem: 1. A localização no bairro Centro e 2. A presença do bem na lista de patrimônio do plano diretor de Arapiraca, mais

critérios para a escolha foram adicionados, como: 3. Ter acesso à edificação (externamente e internamente) e 4. Conseguir material de leitura sobre o edifício a ser pesquisado. Com base no cumprimento dos critérios foram selecionados: o que restou do complexo ferroviário e a Igreja de São Sebastião.

5.MEMORIAL ARQUITETÔNICO: DOCUMENTAÇÃO DE EXEMPLARES DO PATRIMÔNIO VERNÁCULO ARAPIRAQUENSE

A última etapa metodológica da pesquisa foi a elaboração do memorial com os dois primeiros exemplares da arquitetura vernácula de Arapiraca. As edificações (figura 03) foram identificadas na etapa percursos em campo e foram escolhidas para compor o memorial arquitetônico pelo acesso aos materiais históricos e por ser possível adentrar o espaço interno e realizar medições e fotografias mais detalhadas.

Figura 03: Fachadas da igreja de São Sebastião e da Estação ferroviária de Arapiraca.



Fachadas atuais da igreja de São Sebastião (à esquerda) e da Estação ferroviária de Arapiraca (à direita).
Fonte: Autores

5.1 IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO

A Igreja de São Sebastião está situada no centro da cidade, em um dos primeiros núcleos urbanos desenvolvidos dentro do perímetro urbano. Atualmente, o bairro tornou-se o principal centro comercial do município, reunindo atividades e serviços que atraem um grande fluxo de moradores e visitantes. Nesse contexto, conforme discute Lynch (1960), a igreja se destaca como um marco visual, funcionando como um elemento facilmente reconhecível e contribuindo para a legibilidade da paisagem. Sua volumetria, posição estratégica e contexto histórico fazem com que a edificação atue como um ponto de referência a quem circula pela área, o que reforça sua relevância cultural e simbólica na perspectiva urbana.

Edificada em 1904, a Igreja de São Sebastião foi fundada pelo comerciante local José Zeferino Magalhães, que também doou o terreno destinado à sua construção. Com o apoio de sua esposa, América Cavalcante Magalhães, o casal fez a promessa de erguer o templo como forma de intercessão diante da epidemia de febre tifoide que atingiu a cidade entre 1904 e 1905.

De acordo com o site Tecla1 (s.d.), na antessala da Igreja de São Sebastião há documentos que registram detalhes da sua história, incluindo o nome do pedreiro responsável pela obra, Antônio Marroquim, e a participação das irmandades da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Conselho em um mutirão de trabalho braçal, carregando tijolos maciços, barro, areia e pedras, para a construção do templo. Atualmente, a edificação segue sem alterações em planta baixa, entretanto é notável a alteração na fachada em sua porta lateral esquerda, substituída pelo fechamento em alvenaria e o revestimento de azulejos com pintura (figura 04).

Figura 04: Igreja de São Sebastião, 1904 e 2014.

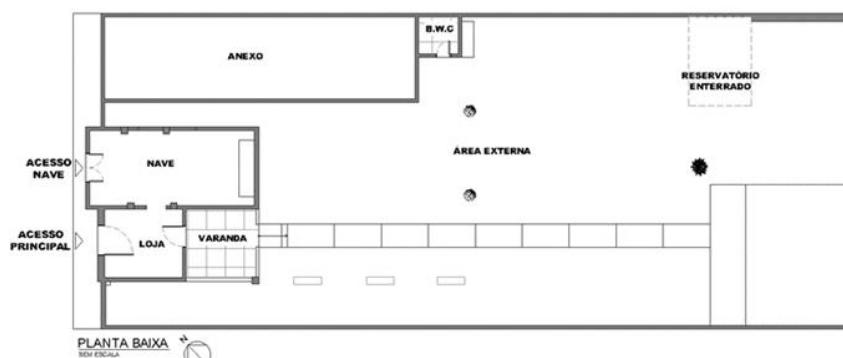


Recorte de fotografia comparativa da igreja de São Sebastião no ano de sua edificação e vinte anos depois.
Fonte: Prefeitura Municipal de Arapiraca

O método construtivo identificado é a alvenaria estrutural com o uso de tijolos maciços, com colunas adicionais na nave. O telhado central da edificação é composto por telhas cerâmicas, duas águas, enquanto o volume lateral direito segue a mesma direção e inclinação, formando apenas uma água. A divisão dos ambientes abrange a nave, a loja, a varanda e o pátio descoberto, além de um anexo a sua lateral esquerda, que funciona como loja independente da edificação religiosa, conforme a figura 05.

10

Figura 05: Planta baixa da Igreja de São Sebastião.



Rascunho da planta baixa atual da igreja de São Sebastião, elaborada em software.
Fonte: Rodrigues (2014)

A edificação possui características de variados estilos arquitetônicos, entre as quais se destacam o estilo clássico e o neoclássico, evidenciados pela presença de frontão triangular decorado e colunas demarcadas, enfatizando o estilo (visível na imagem 03

e 04), conforme Santiago (2011). A porta principal centralizada e o arco de volta perfeita são elementos do estilo românico (Santos, 2016, p. 39), segundo o autor, “a porta principal da igreja (...) é normalmente associada de forma direta à Jesus Cristo”. Por fim, a presença de pináculos, apesar de discretos, objetivam adicionar verticalidade à edificação, aspectos do estilo gótico citados por Xavier et al. (2020). Ademais, a variedade dos itens característicos citados, somados aos elementos decorativos, configura o estilo eclético: “[...] o ecletismo é também percorrido por um veio vernáculo, que lança mão de um repertório aprendido em catálogos, em revistas, [...], baseado na lembrança ou nas técnicas” (Fabris, 1993, p. 138).

5.2 ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ARAPIRACA

A Estação Ferroviária de Arapiraca (figura 06), obra inaugurada no ano de 1950, é um dos principais marcos visuais urbanos. Com uma ligação profunda ao desenvolvimento socioeconômico da cidade, a estação transcende o físico e marca um período áureo arapiraquense devido o cultivo do fumo que estava em seu ápice. Logo, Arapiraca ficou conhecida como a “Capital Brasileira do Fumo” e a Estação Ferroviária se tornou o principal ponto de conexão entre a população local, seja entre as pessoas que estavam somente de passagem ou quem frequentava a edificação para interagir seja com familiares, amigos e conhecidos. No entanto, de acordo com Ramos (2019), apesar de seu valor histórico, com o declínio da venda do fumo e a falta de manutenção das linhas férreas - devido à ascensão do transporte rodoviário - a edificação entrou em processo de deterioração (figura 07).

11

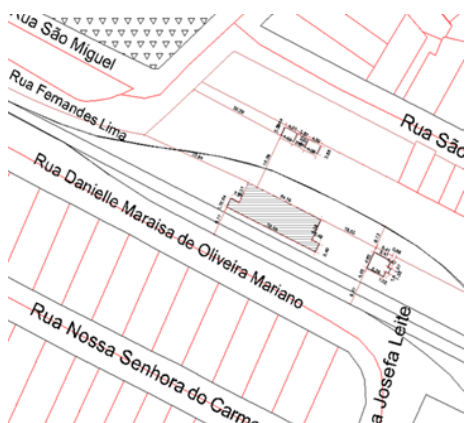
Figura 06 e 07: Estação Ferroviária de Arapiraca em 1950 e 2025, respectivamente.



Recorte de fotografia comparativa da igreja de São Sebastião no ano de sua edificação e vinte anos depois.
Fonte: Prefeitura Municipal de Arapiraca

Localizada às margens do bairro Centro, no cruzamento entre as ruas Fernandes Lima e Danielle Maraisa de Oliveira Mariano, consta como um dos patrimônios no Plano Diretor de 2006 da cidade. Entretanto, por não ser um bem tombado, não recebeu, desde o encerramento de suas atividades em 1999, os devidos cuidados em relação à sua conservação física. Isso levou a edificação a sofrer diversos tipos de patologias, no qual a grande parte surge de sua exposição ao tempo. Todavia, pichações e depredações ainda ocorrem com as ruínas da estação devido à ausência de uso (Neves et al, 2025).

Figura 08: Recorte em planta de parte do terreno do complexo ferroviário de Arapiraca.



Planta de situação de parte do terreno que abriga o que sobrou do complexo ferroviário.
Fonte: YGOR TAVARES, adaptado pelo autor, 2025

Por outro lado, no ano de 2021, a Prefeitura Municipal de Arapiraca anunciou que a Estação iria fazer parte do projeto da Ciclovía do Trabalhador e, quando restaurada, ganharia um novo uso para reintegrar a edificação na malha urbana e social da cidade. Sobre isso, é possível afirmar que:

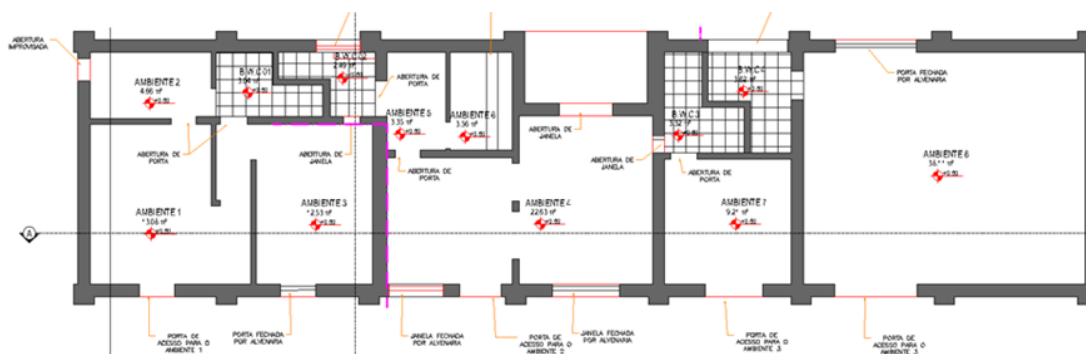
Com o passar dos anos, a expansão das rodovias colocou em segundo plano o transporte ferroviário. Agora, os trilhos que abriram caminho para a passagem do trem e suas riquezas, passam a fazer parte de um projeto urbanístico que resgata a história de Arapiraca de olho no futuro e na qualidade de vida de seus moradores e visitantes (ARAPIRACA, 2021).

12

Por meio de uma visita in loco, foi possível identificar com maior precisão as características da construção, bem como compreender melhor o seu funcionamento a partir da leitura dos espaços e da comparação com a documentação arquitetônica de outras estações ferroviárias. Dessa forma, foi possível reunir informações adicionais e desenvolver um estudo sobre a estação ferroviária. O conjunto é composto por duas construções separadas entre si, com acesso realizado por meio de um passeio elevado a 25 centímetros em relação ao nível do solo, solução comumente utilizada para facilitar o embarque e desembarque de passageiros.

O primeiro edifício, de maior porte (figura 09), apresenta organização interna composta por oito ambientes não identificados e quatro banheiros. Já o segundo edifício não pôde ser acessado. Contudo, a partir das imagens de drone realizadas no local, foi possível inferir a ausência de subdivisões internas. Aspectos formais encontram-se evidenciados pela adoção de formas simples, funcionais e pela repetição de elementos construtivos, como o ritmo gerado pela sucessão de pilares na fachada (imagem 09). Elementos como a marquise frontal e as platibandas escalonadas revelam influências do repertório do *Art Déco*.

Figura 09: Planta baixa do complexo ferroviário.



Planta baixa atual das duas edificações que compõe o complexo ferroviário.

Fonte: Adryan Lisboa, 2025

A materialidade empregada, com o uso de concreto armado, ferro, aço e vidro, reforça sua inserção no contexto da industrialização da construção civil. No entanto, a análise do sistema construtivo evidencia um contraste entre a intenção projetual modernista e sua execução, uma vez que a obra foi realizada com técnicas construtivas tradicionais, como alicerce em pedra de mão e alvenaria de tijolos maciços refletindo as limitações locais de mão de obra e materiais disponíveis. Evidencia-se, assim, a importância das técnicas e práticas construtivas vernaculares, uma vez que, embora a modernidade introduza constantes inovações e facilidades, é nas origens que se fundamenta toda a lógica construtiva. Além disso, foi possível perceber que, apesar do avançado estado de degradação da edificação, as fundações executadas por meio de técnicas vernaculares não apresentam nível de deterioração tão acentuado quanto os elementos em alvenaria de concepção mais moderna.

13

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Articular políticas de preservação que considerem a diversidade dos agentes e suas formas de produção e uso da arquitetura vernacular exige uma abordagem participativa, contextualizada e interdisciplinar. Em primeiro lugar, é fundamental reconhecer a pluralidade de atores envolvidos — comunidades locais, mestres construtores, moradores, pesquisadores, gestores públicos e movimentos sociais — valorizando seus saberes, práticas e modos de vida como parte constitutiva do patrimônio, e não apenas como objeto de tutela técnica.

Além disso, as políticas devem ir além da preservação formal da materialidade, incorporando os usos sociais, simbólicos e funcionais da arquitetura vernacular. Isso implica compreender que essas construções são dinâmicas, adaptáveis e diretamente ligadas às condições ambientais, econômicas e culturais dos grupos que as produzem. Assim, instrumentos normativos precisam ser mais flexíveis, permitindo adaptações e transformações que garantam a continuidade do uso e da transmissão dos saberes construtivos.

Outro aspecto central é a articulação entre patrimônio material e imaterial, integrando ações de salvaguarda dos conhecimentos tradicionais, das técnicas construtivas e das formas de organização comunitária. Programas de educação patrimonial, capacitação técnica e incentivo financeiro podem fortalecer o protagonismo das comunidades na gestão de seu próprio patrimônio.

Por fim, é essencial que essas políticas sejam construídas a partir de processos colaborativos e descentralizados, com escuta ativa e tomada de decisão compartilhada, assegurando que a preservação da arquitetura vernacular não resulte em processos de musealização ou exclusão social, mas sim na valorização da diversidade cultural e na promoção de desenvolvimento social e territorial sustentável.

8. REFERÊNCIAS

ARAPIRACA. Prefeitura Municipal. **Antiga Estação Ferroviária de Arapiraca receberá biblioteca e espaços de convivência urbana.** Arapiraca, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://web.arapiraca.al.gov.br/2021/11/antiga-estacao-ferroviaria-de-arapiraca-recebera-biblioteca-e-espacos-de-convivencia-urbana/>. Acesso em: 16 fev. 2026.

ARAÚJO, Anna Kelmamy da Silva. **Em Pau D'arco, muitas flores:** memória, território de parentesco e fronteira étnica. 2018. 188 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

BARDA, Marisa. **A importância da arquitetura vernacular e dos traçados históricos para a cidade contemporânea.** 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade / UNESP, 2006.

DIAS, Diego N. **Estilo Patrimônio:** sobre preservação, arquitetura e cenarização. Oculum Ensaios, Campinas, v. 18, p. 1-15, 2021.

FABRIS, Annateresa. **Arquitetura eclética no Brasil:** o cenário da modernização. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 131-143, 1993.

GUEDES, Zezito. **Arapiraca através do tempo.** Maceió: Mastergraf, 1999.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Arapiraca (AL):** panorama. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/arapiraca/panorama>. Acesso em: 16 fev. 2026.

LIRA, Fernando José de. **Formação da riqueza e da pobreza de Alagoas**. Maceió: EdUFAL, 2007. 320 p.

LYNCH, Kevin. **The Image of the City**. Cambridge: MIT Press, 1960.

NARDI, Jean Baptiste. **Fumo e desenvolvimento local em Arapiraca / AL**: Primeiras observações e análises para a elaboração do diagnóstico sócio-econômico municipal e regional. Arapiraca: FAPEAL/CNPQ-FUNESA. 2004.

NEVES, R. R. et al. **O espaço urbano de Arapiraca-AL**: formação histórica, evolução urbana e tendências recentes. Caderno Pedagógico, [S. l.], v. 22, n. 4, p. e13868, 2025. DOI: <https://doi.org/10.54033/cadpedv22n4-024>. Disponível em: <https://doi.org/10.54033/cadpedv22n4-024>. Acesso em: 16 fev. 2026.

RAMOS, Aminadabe Martins. **Ferrovias em Alagoas no século XIX e nas primeiras décadas do século XX**. 2019. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. 216 p.

RODRIGUES, Ana et al. **Diagnóstico final da Igreja de São Sebastião**. [S. l.: s. n.], 2024. Trabalho acadêmico.

15

SANTIAGO, Zilsa Maria Pinto. **As influências do Neoclassicismo na Arquitetura Brasileira a partir da Missão Francesa**. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8., 2011, São Luís. Anais [...]. São Luís: UFMA, 2011. p. 204-219.

SANTOS, Amanda B. **Arquitetura Românica**: o desenvolvimento do primeiro grande sistema construtivo medieval. Revista Ars Historica, [s. l.], n. 12, p. 23-43, jan./jun. 2016.

SANTOS, Daniel Alves dos. **Arapiraca no estado de Alagoas**: história, discurso e (arte)fatos na invenção da Terra do Fumo – (1950-1990). 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

TECLA 1. **Em 1905, José Zeferino de Magalhães inaugura a Igreja de São Sebastião**. Arapiraca, 2024. Disponível em: <https://tecla1.com.br/em-1905-jose-zeferino-de-magalhaes-inaugura-a-igreja-de-sao-sebastiao/>. Acesso em: 12 dez. 2025.

XAVIER, Janaina S. et al. **A relação entre a arquitetura gótica e a religiosidade medieval**: uma discussão a partir da Catedral Notre-Dame de Chartres. Kerygma, Engenheiro Coelho, v. 15, n. 1, p. 40-52, 1º sem. 2020.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.